

# A INFLUÊNCIA ILUMINISTA NA FILOSOFIA MORAL DE DAVID HUME

*THE ENLIGHTENMENT INFLUENCE ON DAVID HUME'S MORAL PHILOSOPHY*

**Laiz Fidélis**

Universidade Estadual do Ceará

*laizfidelis07@gmail.com*

**RESUMO:** David Hume foi um dos filósofos que mais se destacou na modernidade, seu método experimental e seu ceticismo foi de grande importância para este destaque, principalmente quando nos referimos as suas contundentes críticas aos princípios metafísicos *a priori*. Desta maneira, é evidente que em sua interpretação os princípios *a priori*, assim como a religião não poderiam ser o fundamento da moralidade. A nossa problematização é: qual a influência do iluminismo para a filosofia moral de Hume? Para respondermos a presente problemática utilizaremos a obra *Tratado da natureza humana*. A presente investigação nos demonstrou como as contribuições newtonianas foram de grande importância para a influência empírica de Hume, e que é por meio do seu método experimental que constrói suas formidáveis críticas aos dogmas religiosos do século XVIII.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hume; Iluminismo; Epistemologia; Moralidade.

**ABSTRACT:** experimental method and his skepticism were of great importance for this highlight, especially when we refer to his scathing criticism of a priori metaphysical principles. In this way, it is evident that in his interpretation the a priori principles, as well as religion, could not be the foundation of morality. Our problematization is: what was the influence of the Enlightenment on Hume's moral philosophy? To answer this problem, we will use the book *Treatise on Human Nature*. The present investigation has shown us how Newtonian contributions were of great importance to Hume's empirical influence, and that it is through his experimental method that he builds his formidable criticisms of eighteenth-century religious dogmas.

**KEYWORDS:** Hume; Enlightenment; Epistemology; Morality.

## Introdução

A grandeza filosófica de David Hume foi reconhecida nos dias atuais principalmente por meio de suas duas grandes obras filosóficas: o *Tratado da Natureza Humana* (1739-40) e suas *Investigações sobre o Entendimento Humano* (1748), que muito contribuíram para a tradição filosófica que lhe é posterior – Kant, por exemplo, desperta de seu “sono dogmático” por influência de Hume. Apesar de ser reconhecido por estas duas grandes obras, Hume destacou-se na modernidade mormente por sua escrita ensaística conforme nos relata Miller<sup>1</sup>. Embora o pensamento contemporâneo tenha elegido os tratados aqui mencionados como as obras de referência de Hume como aquelas que carregam a essência do seu pensamento filosófico, consideramos que os ensaios têm importância igual a tais tratados.

O século XVIII, no Hume se encontra, foi um dos séculos nos quais ocorreram grandes revoluções literárias, científicas, políticas e filosóficas. Uma das formas de entendermos este período revolucionário é através das novas formas de escrita, principalmente através do gênero ensaístico como possibilidade de escrita filosófica. Por meio de seu método experimental, juntamente com uma escrita eloquente, Hume escreve sua obra *Ensaaios Morais Políticos e Literários*.

O gênero ensaístico de Hume o possibilitou escrever sobre todos os assuntos que lhe pareceram de grande importância para a modernidade. Foi com a ajuda de seu método experimental, juntamente com alguns de seus conceitos filosóficos, que Hume obteve o que tanto queria: tornar sua filosofia um objeto de leitura do mundo erudito moderno e do mundo da sociedade civil educada. Falar filosoficamente de conceitos que eram importantes para a realidade moderna se tornou um dos objetivos de Hume, que o fez naquele momento em virtude dos debates que pululavam em sua época e aos quais daremos destaque aqui para o embate entre os princípios religiosos e a racionalidade própria do iluminismo. Na Modernidade, a crença religiosa foi aos poucos sendo substituída de seu papel de porta-voz e critério das bases do conhecimento da natureza e dos preceitos morais. A chave para estas transformações foi o desenvolvimento da ciência experimental que passou a assumir gradativamente a posição de ditame, no que diz respeito às respostas buscadas no âmbito

---

<sup>1</sup> “O *Tratado* quase não foi lido durante a época de Hume [...] a maioria dos leitores hoje prestam pouca atenção aos vários livros e ensaios de Hume e à sua História da Inglaterra, mas essas são as obras que foram lidas avidamente por seus contemporâneos. Se alguém deseja obter uma visão equilibrada do pensamento de Hume, é necessário estudar ambos os grupos de escritos. Se negligenciarmos os ensaios ou a História, então nossa visão dos objetivos e realizações de Hume provavelmente será tão incompleta quanto a de seus contemporâneos que não leram o *Tratado* ou os *Diálogos*” (MILLER, 1987, p. XI-XII, tradução nossa).

gnosiológico e moral. Como dissemos, isso é fruto de um dos movimentos mais importantes do século XVIII, é o impacto causado pelo Iluminismo - cujo objetivo foi fornecer à ciência e à filosofia um novo olhar, dispensando as concepções metafísicas e teológicas para explicar a natureza das coisas, própria da tradição que lhe era anterior.

A modernidade sem dúvida foi palco de grandes revoluções, e dentre toda essa gama de transformações a filosofia humeana ganhou grande destaque, mas a pergunta que surge em meio a nossa investigação é: qual a influência do iluminismo para a filosofia moral de Hume? Já que suas obras e críticas foram tão bem recebidas pelo século XVIII. Para alcançarmos nosso objetivo, demonstrou-se como necessário iniciarmos nossa investigação destacando quais foram as principais fontes de inspiração para Hume, assim como pretenderemos compreender porque a filosofia humeana teve grande destaque para o iluminismo. Para nossa investigação, utilizaremos a obra *Tratado da Natureza Humana*, para compreendermos a base epistemológica, a obra *Investigações Sobre o Entendimento Humano* e, caso necessário, suas obras *História Natural da Religião* e *Diálogos sobre a Religião Natural*.

## 1. O empirismo do iluminismo escocês

O movimento iluminista aconteceu em vários países da Europa no século XVIII<sup>2</sup>. Este movimento tinha como intuito fornecer explicações exclusivamente científicas e filosóficas, substituindo ou se separando de maneira completamente autônoma do papel hegemônico que os ideais religiosos detinham. Esta autonomia fez surgir uma nova forma de conhecimento para o âmbito prático e teórico da modernidade: ao invés de um Deus, os pensadores e intelectuais deste período encontram na razão a sua principal fonte de autoridade e legitimação para o pensamento científico.

Os influenciadores deste novo tipo de pensamento foram René Descartes, John Locke, Francis Bacon e Isaac Newton. Destes, daremos especial atenção em nossa exposição às contribuições newtonianas, não apenas para o Iluminismo de maneira geral, mas também para sua vertente escocesa. Newton lidou com duas tradições nas duas de suas principais obras: *Opticks* [1704] e *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* [1687]; na primeira obra, a tradição é empirista; na segunda, a tradição com a qual ele dialoga é a da teoria matemática – ambas as obras empregam em suas investigações o método hipotético, ponto no qual Newton

---

<sup>2</sup> Na França, os filósofos que mais tiveram destaques neste período foram: Voltaire, D'Alembert, Diderot, Montesquieu; já na Alemanha foram Christian Wolff, Moses Mendelssohn e Immanuel Kant; no iluminismo escocês, os principais filósofos foram: Frances Hutcheson, Adam Smith, David Hume, Gershom Carmichael e Thomas Reid.

demonstra suspeição na forma pela qual este método era até então aplicado: testar hipóteses *que iam além dos fenômenos observados* e deduzindo a partir destes princípios suas conclusões.

Newton, por sua vez, teorizou que são os próprios fenômenos que decidem os *elementos das teorias*. Na bem conhecida passagem do ensaio *General Scholium* (colocado como apêndice da obra newtoniana *Os Princípios Matemáticos de Filosofia Primeira*), Newton considera que tudo o que não tiver correspondência com os fatos apreendidos no mundo, deve ser considerado como uma hipótese. Essa tese de Newton passou a ser chamada de *hypotheses non fingo*. Ele declara:

Até agora explicamos os fenômenos dos céus e do nosso mar pelo poder da gravidade, mas ainda não atribuímos a causa desse poder... sem hipóteses [*hypotheses non fingo*]; pois tudo o que não é deduzido dos fenômenos deve ser chamado de hipótese; e hipóteses, sejam metafísicas ou físicas, sejam de qualidades ocultas ou mecânicas, não têm lugar na filosofia experimental (NEWTON, 2008, p. 331, tradução nossa)<sup>3</sup>

A metodologia newtoniana estabelece que algumas características da natureza bastariam, através de evidências experimentais e observacionais, para fornecer um conhecimento acerca de todos os fenômenos demonstrando a verdade das proposições de um gênero científico apenas por eles mesmos. Em sua filosofia experimental, Newton pressupõe que as experiências que são coletadas dos fenômenos devem ser consideradas exatas ou quase verdadeiras, até que estes experimentos e observações se tornem mais claros e verdadeiros, isso é, longe de qualquer hipótese ou erro. Levando seu método adiante, o filósofo conseguiu evitar as hipóteses e esclareceu como um conjunto rico de resultados fornecidos pelas experiências consegue se tornar a base de uma teoria científica capaz de modificar o processo filosófico natural em uma ciência empírica.

A filosofia empírica de Newton esclarece como a capacidade humana consegue estruturar um grande sistema coerente de experimentos a partir da realidade, como base para o estabelecimento de conceitos acerca dela. A escolha de Newton pelo método experimental o ajudou na compreensão e construção de um novo conhecimento científico. A filosofia natural de Newton foi reconhecida principalmente por causa de sua rebelião contra a autoridade da igreja e seus dogmas. Seu realismo científico ao tratar sobre a matéria o levou a observar os movimentos dos fenômenos e seus significados, isto porque ao longo do tempo estes

---

<sup>3</sup> No original: Hitherto we have explained the phenomena of the heavens and of our sea by the power of gravity, but have no yet assigned the cause of this power... I have not been able to Discover the cause of those properties of gravity from phenomena, and I frame no hypotheses [*hypotheses non fingo*]; for whatever is not deduced from the phenomena is to be called an hypothesis; and hypothesis, whether metaphysical or physical, whether of occult qualities or mechanical, have no place in experimental philosophy.

experimentos sofrem alguns tipos de modificações, desta maneira é necessário que sejam acompanhados passo a passo em um amplo processo investigativo. Para Edwin A. Burt (1991), no pensamento newtoniano não havia lugar para certezas *a priori*, assim como havia nas interpretações de Kepler, Galileu, Descartes, Espinoza e Leibniz, que compreendiam que o mundo “é retidamente matemático e racionalista e que seus segredos podem ser desvendados por métodos não empíricos” (OLIVEIRA, 2012, p. 35).

Oliveira (2012) ainda afirma que o empirismo de Newton era solidificado por meios matemáticos e era por meio deles que poderíamos alcançar grandes números de deduções lógicas a partir do processo empírico, “ou seja, um método que se baseava na busca pelas causas e efeitos perceptivos. Newton via na empiria seu verdadeiro interesse na filosofia natural, e este é, claramente, o espírito do prefácio de sua obra *Principia*” (OLIVEIRA, 2012, p. 36). Segundo a interpretação newtoniana, a matemática, sem o empirismo, era apenas um conjunto de hipóteses. Por este motivo, seu intuito era moldar a matemática com experimentos para que, desta maneira, conseguisse criar amplas deduções; e, sempre que isto ocorria, de maneira zelosa insistia até que estas deduções fossem comprovadas na realidade. O método de Newton tinha dois aspectos importantes para seu desenvolvimento: o empírico e experimental, como também a matemático e teórico. Caso fôssemos analisar de maneira detida os aspectos que o filósofo destaca como a base de sua filosofia natural, sem dúvida alguma era por meio do empirismo e não pela matemática. Como explica Oliveira (2012, p. 37), Newton:

Embora fosse matemático, tinha muito menos segurança no uso do raciocínio dedutivo e mais exatidão no método empírico quando aplicado aos problemas da natureza - empregava a verificação experimental para a solução de qualquer questão apesar do título de sua maior obra ser (*Princípios matemáticos da filosofia natural*).

Embora as visões de Newton fossem consideradas essenciais para o surgimento da filosofia experimental na Grã-Bretanha, alguns filósofos consideravam insuficiente o método que ele aplicava<sup>4</sup>. David Hume tinha como fonte de inspiração o método newtoniano a sua influência fica bem explícita, pelo menos como muitos estudiosos costumam acreditar, tanto pelo fato de sua obra ter como título *Tratado da Natureza Humana*, e subtítulo: “*Uma Tentativa de Introduzir o Método Experimental de Raciocínio nos Assuntos Morais*”, como pelo emprego

---

<sup>4</sup> Segundo a interpretação de Janiak, Andrew, Berkeley ridicularizou a filosofia experimental e as considerou como “insuficientes experimentais ou empíricas, como excessivamente dependentes de representações universais e de quantidades universais, em vez de representarem de particulares”. Caso queira mais esclarecimento sobre esta interpretação recomenda-se a leitura de *Newton's Philosophy*, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2021/entries/newton-filosofia/>>.

de terminologia e expressões propriamente newtonianas e pela rejeição do estabelecimento de hipóteses - tal qual o próprio Newton rejeitou. Como expõe Schliesser e Demeter na *Enciclopédia Stanford*:

A filosofia de David Hume, especialmente o projeto positivo de sua “ciência do homem”, costuma ser modelada pelos sucessos de Newton na filosofia natural. O auto descrito “método experimental” de Hume (ver o subtítulo do *Tratado*) e a semelhança de suas “regras de raciocínio” (T 1.3.15) com Newton são consideradas evidências para esta posição” [...]. Hume encoraja esta visão de seu Projeto empregando metáforas newtonianas: ele fala de uma “atração” no “mundo mental” em pé de igualdade com aquela no “mundo natural” (T 1.1.4.6). Hume infere a existência de “hábitos como uma espécie de “força” mental (EHU 5.22) análoga à gravidade; a descoberta dos “princípios de associação” que no *Resumo* ele chama de sua conquista mais importante [...] são, então, análogos às leis do movimento. [...] Na “Introdução” ao *Tratado* e ainda mais explicitamente nas páginas iniciais da *Investigação* (EHU 1.15), Hume sugere que sua “ciência do homem” pode ser paralela às conquistas recentes da filosofia natural. [...] E no início de EPM (1.10), ele ecoa a rejeição de Newton às “hipóteses” e reafirma sua fidelidade ao método experimental em contraste com sua alternativa especulativa (SCHLIESSER, E. T. 2020, tradução nossa).<sup>5</sup>

O que nos leva a considerar semelhantes o método de Hume e Newton é a forma pela qual os dois filósofos escolhem coletar as experiências; esta similaridade pode ser observada a partir de uma análise e síntese da obra *Óptica* de Newton. Ao iniciar sua obra, Newton explica como a observação dos fenômenos históricos e cotidianos do comportamento humano são importantes. Em sua obra *Tratado da Natureza Humana*, Hume ressalta a importância de coletarmos experiências do cotidiano, assim como Newton, além de destacar que:

Devemos reunir nossos experimentos mediante a observação cuidadosa da vida humana, tomando-os tais como aparecem no curso habitual do mundo, no comportamento dos homens em sociedade, em suas ocupações e em seus prazeres. Sempre que experimentos dessa espécie forem criteriosamente reunidos e comparados, podemos esperar estabelecer, com base neles, uma ciência, que não será inferior em certeza, e será muito superior em utilidade, a qualquer outra que esteja ao alcance da compreensão humana (T Introdução, p. 24).

Nesta passagem conseguimos observar como claramente o método de Hume tem como influência o empirismo newtoniano. As análises fornecidas por estas observações e experiências tornam-se a fonte de todo conhecimento acerca das coisas e das faculdades

---

<sup>5</sup> No original: “David Hume’s philosophy, especially the positive project of his “science of man”, is often thought to be modelled on Newton’s successes in natural philosophy. Hume’s self-described “experimental method” (see the subtitle to *Treatise*) and the resemblance of his “rules of reasoning” (T 1.3.15) with Newton are said to be evidence for this position” (...) Hume encourages this view of his Project by employing Newtonian metaphors: he talks of an “attraction” in the “mental world” on a par with that in the “natural world” (T 1.1.4.6). Hume infers the existence of “habits as a kind of mental “force” (EHU 5.22) analogous to gravity; the discovery of the “the principles of association” which in the Abstract he calls his most important achievement (...) are, then, analogous to the laws of motion. (...) In the “Introduction” to the *Treatise* and even more explicitly in the opening pages of *Enquiry* (EHU 1.15), Hume suggests that his “science of man” can parallel recent achievements in natural philosophy. (...) And at the start of EPM (1.10), he echoes Newtons rejection of “hypotheses”, and restates his allegiance to the experimental method in contrast with its speculative alternative”.

mentais, a saber: imaginação, razão, simpatia, entre outras. Estes conceitos são fornecidos pelos resultados de nossas percepções. Para Hume, estas faculdades jamais poderiam ser compreendidas ou até explicadas de maneira quantitativa ou matemática, porque é apenas por meio da natureza humana que conseguiríamos explicar os fenômenos humanos.

Existia na tradição filosófica uma concepção recorrente de que as ideias seriam a fonte de todo conhecimento. A ideia, neste caso, é compreendida como independente de qualquer experiência. Por outro lado, na filosofia humeana, o que é concebido enquanto ideia é resultado da experiência. Tanto Locke quanto Descartes perseguem um método epistemológico que traz consigo o problema epistemológico da objetividade, ambos examinam nosso conhecimento por meio do exame das ideias que encontramos diretamente em nossa consciência. Entretanto, surge na modernidade o seguinte questionamento: como podemos saber se de fato essas ideias são correspondentes com a realidade? Hume questiona esta interpretação de que encontramos ideias de maneira imediata em nossa consciência sem intermédio da experiência. Segundo seu pensamento, todo o conteúdo mental deve ser fornecido pelas experiências, e explica que estas experiências são o conteúdo que serve para a formação de uma ideia.

Como sabemos, as percepções são a fonte para a formação de impressões e ideias: as primeiras, são percepções sensíveis; as ideias são as percepções que permanecem na mente humana quando o objeto percebido não está mais presente. Apesar das impressões e ideias serem ambas percepções, a distinção entre elas é determinada pela força e vividez na qual elas aparecem à mente:

As percepções que entram com mais força e violência podem ser chamadas de *impressões*; sob esse termo incluo todas as nossas sensações, paixões e emoções, em sua primeira aparição à alma. Denomino *ideias* as pálidas imagens dessas impressões no pensamento e no raciocínio” (T 1.1.1, p. 25, grifo do autor).

Após inaugurar uma nova fase para as questões das ideias na tradição filosófica, Hume compreende que as percepções e as faculdades cognitivas são a base para o conhecimento da natureza. Desta maneira, Hume propôs uma alternativa empírica para solucionar a falha das determinações metafísicas *a priori* tradicionais, que eram aplicadas anteriormente às ciências, que se referia à realidade exterior ao sujeito sem utilizar qualquer traço de experiência sensível. A alternativa empírica humeana defendia que é necessário rejeitar todo e qualquer sistema que não tivesse a experiência como fonte de conhecimento, como explica:

Parece-me evidente que, a essência da mente sendo-nos tão desconhecidas quanto a dos corpos externos, deve ser igualmente impossível formar qualquer noção de seus poderes e qualidades de outra

forma que não seja por meio de experimentos cuidadosos e preciosos, e da observação dos efeitos particulares resultantes de suas diferentes circunstâncias e situações [...] e qualquer hipótese, [...] deve imediatamente ser rejeitada como presunçosa e quimérica (T Introdução, p. 22-23).

## 2. O ceticismo

O Iluminismo tem por característica fornecer uma crítica a qualquer autoridade, ou crença, seja ela em relação aos dogmas religiosos ou até mesmo aos conceitos fornecidos pela razão - e, neste movimento crítico, no que diz respeito ao ceticismo, Hume<sup>6</sup> é um dos mais importantes nomes. O ceticismo humeano explica a importância do movimento cético para as construções empíricas. Em sua obra *Tratado da Natureza Humana*, Livro I, Hume desenvolve seu ceticismo a partir de uma crítica em relação à autoridade da crença de que o conhecimento é seguro, verdadeiro, infalível, etc. Ao articular vários ceticismos para explicar a importância que teria o ceticismo ser utilizado como fundamento para obter um conhecimento seguro, longe de qualquer dogma ou erro, Hume dedica-se a explicar nas seções *Do ceticismo em relação à razão* e *Do ceticismo em relação aos sentidos*<sup>7</sup>, que mesmo os dados fornecidos pelas percepções juntamente com os raciocínios produzem conclusões que não podem ser consideradas infalíveis. Para Hume, as experiências empíricas, quando aplicadas às faculdades cognitivas, podem se tornar incertas e falhas – este foi o motivo pelo qual ele acreditou que o ceticismo, de alguma maneira, poderia fornecer um olhar crítico sobre estas experiências e observações.

O olhar crítico fornecido pelo ceticismo poderia ajudar na nova forma de conhecimento, sem cometer o erro de “degenerar-se em probabilidade; e essa probabilidade é maior ou menor, segundo nossa experiência da veracidade ou falsidade de nosso entendimento e segundo a simplicidade ou a complexidade da questão” (T 1.4.1.1, p. 213). Hume quer explicar que existem circunstâncias em que as experiências e observações têm a possibilidade de ser imprecisas ou falsas. Esta falsidade ou imprecisão costuma ocorrer quando o entendimento compreende que uma circunstância que ocorreu no passado ocorrerá exatamente da mesma forma no futuro, caso a circunstância seja semelhante à anterior. Esta determinação supõe que as experiências futuras sejam idênticas às do passado e não há justificativa que possa garantir esta semelhança entre as experiências passadas e futuras<sup>8</sup>. Por esta razão, Hume destaca como

---

<sup>6</sup> Segundo a interpretação dada na obra *Enlightenment* (2017) Hume foi considerado um dos filósofos mais importantes ao tratar do ceticismo.

<sup>7</sup> *Do ceticismo em relação à razão* (T 1.4.1, p. 213) e *do ceticismo em relação aos sentidos* (T 1.4.2, p. 220).

<sup>8</sup> Nesta interpretação Hume quer dizer que as experiências demonstram o que acontece e não o que poderá acontecer, e o que isso quer dizer? As experiências fornecem uma certeza de fato, porém não uma certeza futura, nada pode garantir que uma experiência possa ocorrer exatamente como a anterior.

é importante tratar sobre a degeneração e probabilidade do conhecimento, já que não há nada que possa garantir necessariamente que o conhecimento de um evento passado seja igual em um evento futuro.

Na conclusão do Livro I, da obra *Tratado da Natureza Humana*, Hume explica que sua pretensão não é seguir um ceticismo radical, mas contribuir para um avanço do conhecimento. O único meio para alcançar um conhecimento verdadeiro e seguro seria por meio da natureza humana, pois ela é a base de todas as outras ciências. Como explica Hume:

De minha parte, só espero poder contribuir um pouco para o avanço do conhecimento, dando uma nova direção a alguns aspectos das especulações dos filósofos, e apontando a estes de maneira mais distintas os únicos assuntos em que podem esperar obter certeza e convicção. A Natureza Humana é a única ciência do homem; entretanto, até aqui tem sido a mais negligenciada. A mim basta trazê-la um pouco mais para a atualidade; e a esperança de consegui-lo serve para me recompor daquela melancolia e para resgatar meu humor daquela indolência, que por vezes me dominam (T 1.4.7.14, p. 305).

Segundo Hume, é evidente que as ciências têm uma relação maior ou menor com a natureza humana; e esta relação não só ocorre com a história, política, ética ou até mesmo com a matemática, mas também com a religião natural. Estas ciências precisam desta relação, pois é por meio dos poderes e faculdades mentais que os homens conseguem tornar tais ciências objetos de conhecimento, como explica:

É evidente que todas as ciências têm uma relação, maior ou menor com a natureza humana; e, por mais que alguma dentre elas possa parecer se afastar dessa natureza, a ela sempre retornará por um caminho ou outro. Mesmo a matemática, a filosofia da natureza e a religião natural dependem em certa medida da ciência do HOMEM, pois são objetos do conhecimento dos homens, que as julgam por meio de seus poderes e faculdades (T Introdução, p. 20-21, grifo do autor).

A mente, por ser tão desconhecida, não é segura o suficiente para formar qualquer tipo de conhecimento sobre as coisas. Por isso, é apenas pelas experiências e observações de diferentes circunstâncias que conseguimos obter um conhecimento seguro. É importante destacarmos que estas experiências e observações não podem ser analisadas de qualquer forma, como é exposto no *Tratado*:

Parece-me evidente que, a essência da mente sendo-nos tão desconhecida quanto a dos corpos externos, deve ser igualmente impossível formar qualquer noção de seus poderes e qualidades de outra forma que não seja por meio de *experimentos cuidadosos e precisos*, e da *observação dos efeitos particulares* de suas diferentes circunstâncias e situações. Embora devamos nos esforçar para tornar todos os nossos princípios tão universais quanto possível, rastreando ao máximo nossos experimentos, de maneira a explicar todos os nossos efeitos pelas causas mais simples e em menor número<sup>9</sup>, ainda assim é certo que não podemos ir além da experiência (T Introdução, p. 23, grifo nosso).

---

<sup>9</sup> Ilustração Proclo, sobre a mente humana e o que se externaliza, comentário à República, I. 201.17-20.

As experiências não podem ser produzidas de qualquer forma, elas devem ser cuidadosas e precisas, assim como devem contemplar a visão do todo e não apenas do particular. Neste caso, a experiência particular é utilizada para o estabelecimento dos princípios universais que contemplam essas experiências particulares, ou melhor: servem para explicá-las. A base para tudo isso é, única e exclusivamente, a experiência, ou seja, não há nenhum outro princípio em geral e particular do que a própria experiência, que possa ser utilizada como fundamento para os princípios universais. Com isto fica claro que os princípios *a priori* ou os fundamentos metafísicos e sobrenaturais da tradição não possuem lugar para a produção da ciência de acordo com o empirismo humeano. Hume destaca, como acabamos de ver, a importância do método experimental para a ciência do homem, ou seja, a filosofia moral e política. É importante ressaltarmos que em Hume a ciência do homem tem o mesmo significado que filosofia moral, pois ambas tratam sobre pensamento humano, paixões, linguagem e ações<sup>10</sup>.

### 3. A tensão entre a ciência iluminista e a religiosidade

A experiência como base para o desenvolvimento das ciências, assim como a reforma protestante, ocupou um lugar central no iluminismo ocasionando uma tensão entre a religião e a filosofia. As seitas religiosas na modernidade conduziam os indivíduos às mais violentas lutas assim como às mais terríveis guerras. Segundo Bristow e William (2017), foi neste período em que “as terríveis lutas confessionais e as guerras sangrentas e prolongadas entre as seitas cristãs, católica e protestante, foram removidas da arena intelectual”. O movimento iluminista pretendia remover os indivíduos desta arena de guerra e, assim, tornou todas as questões que levavam tais indivíduos ao conflito físico, a questões apenas do âmbito intelectual, desta maneira tais problemáticas foram explicadas de forma racional e filosófica sem que os indivíduos precisassem entrar em guerra ou conflito<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Como explica Barry Stroud: “La filosofía "moral", en el sentido de Hume, contrasta con la filosofía "natural", que estudia los objetos y fenómenos del mundo de la naturaleza. A grandes rasgos, la filosofía natural es lo mismo que hoy conocemos con los nombres de física, química y biología. Desde luego, los hombres son t a m b i é n objetos de la naturaleza, y por tanto forman parte del objeto de estudio de la filosofía natural. La Filosofía moral difiere de la filosofía natural solamente en el modo de estudiar a los seres humanos considera sólo aquellos aspectos en que éstos difieren de otros "objetos de la naturaleza". Los hombres piensan, actúan, sienten, perciben y hablan, de manera que las "materias morales" se refieren al pensamiento, las acciones, los sentimientos, las pasiones y el lenguaje humanos. Hume se interesa por aquello en que consiste en ser humano, por lo que tiene de especial o diferente el ser humano - por la naturaleza humana” (STROUD, 1986, p. 12-13).

<sup>11</sup> Como afirma William, em o “Iluminismo”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (edição de outono de 2017), Edward N. Zalta (ed.), Disponível em URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/enlightenment/>> .

Entretanto, ao passo que o movimento iluminista conseguia crescer e fornecer uma nova base para o conhecimento, os homens libertavam-se cada vez mais de sua ignorância. Segundo Hume, a ignorância é um ponto chave para a origem das religiões - por este motivo, Hume vai afirmar que “A ignorância é a mãe da devoção” (HNR 15.10, p. 126, grifo do autor) – como explica em sua obra *História Natural da religião*:

Não é surpreendente, então, que o homem, absolutamente ignorante das causas, e ao mesmo tempo tomado por tamanha ansiedade quanto ao seu futuro destino, reconheça imediatamente que depende de poderes invisíveis, dotados de sentimentos e de inteligência. As *causas desconhecidas* que ocupam sem cessar seu pensamento, ao se apresentarem sempre sob o mesmo aspecto, são todas consideradas do mesmo tipo ou espécie (HNR 3.3, p. 37, grifo do autor).

Hume tratou do tema da religião em quase todas suas obras e destacou duas obras exclusivamente para tratar sobre o tema da religião natural: a primeira foi a *História Natural da Religião* (2005b) e a segunda *Diálogos sobre a Religião Natural* (2005a). As questões relevantes, no que concerne a religião, são o seu fundamento racional e sua origem na mente humana, o que é bem evidente na introdução da obra *Diálogos sobre a Religião Natural*, na qual é discutido o exame das supostas bases racionais para a crença religiosa. Já na obra *História Natural da Religião*, há o esforço de explicar as origens e causas que podem produzir o fenômeno da religião, dos efeitos que ela pode ter sobre a vida e as condutas humanas.

#### **4. A crítica humeana à religiosidade enquanto fundamento moral**

Uma das preocupações de Hume é chamar a atenção para o efeito que a religião teria sobre a tolerância e a moralidade. A narrativa sobre a existência de Deus ser o criador e governante do universo é um dos assuntos mais debatidos na Modernidade<sup>12</sup>, porque muitos acreditavam que, além de ser criador do mundo, Deus também era o governante dos homens. Segundo a interpretação de alguns estudiosos<sup>13</sup>, o filósofo escocês Gershom Carmichael acreditava que os indivíduos deveriam fazer suas ações de acordo com as prescrições divinas. Carmichael, ao

---

<sup>12</sup> Durante as primeiras agitações do Iluminismo escocês alguns pensadores tiveram grande destaque ao tratar sobre a filosofia moral, como citados anteriormente, Francis Hutcheson, Adam Smith, David Hume, Gershom Carmichael e Thomas Reid.

<sup>13</sup> Para Broadie, Alexander e Smith, o filósofo Carmichael era um dos filósofos escoceses no qual acreditava cegamente que a religião era um guia fundamental para as ações humanas. Para compreender com mais detalhes como chegaram a esta compreensão indicamos a leitura de "Scottish Philosophy in the 18th Century", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Verão 2022 Edition). Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2022/entries/scottish-18th/>>.

publicar sua obra *Suplementos e Observações sobre a Juventude Acadêmica* (1724), afirmou que:

[...] quando Deus prescreveu algo para nós, ele está simplesmente significando que ele exige que façamos tal ou tal ação, e a considera, quando oferecida com essa intenção, como um sinal de amor e veneração para com ele, enquanto o fracasso em praticar tais atos e, pior ainda praticar atos contrários, ele interpreta como indício de desprezo ou ódio”. Portanto, devemos amor e veneração a Deus [...] Deus deve ser adorado, ele busca um sinal de amor e veneração por ele, e a adoração é a manifestação mais clara desses sentimentos (CARMICHAEL *apud* BROADIE, ALEXANDER, SMITH, 2022, p. 2, trad. nossa).

Para a mentalidade de alguns indivíduos e pensadores, a ausência da autoridade de uma divindade ou de um sacerdote extinguiria as barreiras que limitam as ações humanas às marcas do agir virtuoso da religião. Hume descarta a religião como fundamento da moral. Em sua obra *Tratado da Natureza Humana* vai explicar que a ação moral não necessita da autoridade religiosa para seguir seu rumo e que a própria natureza humana, ao combinar as paixões com a razão, fornece o que é necessário para permanecer nesse caminho virtuoso.

Para ele não são as forças invisíveis e sobrenaturais que fundamentam a moral, assim como não podem ser fundamentadas por características da natureza física, porque é a própria natureza humana a base para a moralidade. O objetivo de fundamentar a moralidade com base na natureza humana é a de defender que tivesse um caráter fundacional, para que pudesse ser também a base para todas as outras ciências. Como toda e qualquer ciência na interpretação de Hume, a ciência da natureza humana faz uso do método experimental para sua construção, como afirma na introdução do *Tratado*:

Assim como a ciência do homem é o único fundamento sólido para as outras ciências, assim também o único fundamento sólido que podemos dar a ela deve estar na *experiência e na observação*. Não é de espantar que a aplicação da filosofia experimental às questões morais tenha tido que esperar todo um século desde sua aplicação à ciência da natureza (T Introdução, p. 22, *itálicos nosso*).

O método experimental aplicado às ciências do ser humano parte e tem por base os princípios que são empiricamente observáveis, como é feito nas outras ciências, dispensando, por conseguinte, todos os recursos a qualquer fonte de conhecimento que tenha como base a metafísica, hipóteses ou divindades que tenham capacidade de intervir no mundo. Hume em todo o *Tratado* busca demonstrar a importância de utilizarmos o método experimental como fundamento sólido para se obter um conhecimento seguro longe de concepções que possam conduzir os seres a um conhecimento que não fosse condizente com a realidade. Além de explicar que todo o conhecimento que temos sobre o mundo, só é possível obter por meio das

observações e experiências, Hume ressalta que sem elas o conhecimento seria inseguro e propícios à erros.

Em vista disso, fica cada vez mais evidente que, para Hume, a religião não poderia de forma alguma ser esta fonte para qualquer ciência humana, seja ela qual for: monoteísta ou politeísta. A moralidade tal qual é pensada por Hume é completamente independente de qualquer fonte religiosa, e caso ela tenha algum papel a desempenhar seria o de corromper a natureza humana e de perturbar a harmonia social ao invés de contribuir para a própria moralidade. Como afirma Hume:

É por isso que o maior dos crimes tem sido considerado, em muitos casos, compatível com uma piedade e *devoção supersticiosa*. É por isso, justamente, que se considera arriscado fazer qualquer inferência a favor da moralidade de um homem, a partir do fervor ou do rigor de sua prática religiosa (HNR 14.8, p. 119, grifos nossos).

Hume quer explicar que não se pode determinar as ações dos indivíduos a partir da religiosidade, porque apesar de ela pregar um discurso de bondade, ela traz consigo um legado de muitas guerras, perseguições, escravização, mortes, entre outras. Como explica:

Tumultos, guerras civis, perseguições, subversões de governo, opressão, escravatura; estas são as tristes consequências que sempre acompanham a sua preponderância nas mentes dos homens. Sempre que o espírito religioso é mencionado numa narrativa histórica, podemos ter a certeza de que iremos em seguida encontrar uma descrição detalhada das misérias que o acompanham (DRN 2.12, p.135).

Na interpretação de Hume, todas essas práticas citadas acima, que pouco contribuem para a sociedade, são praticadas pelos religiosos. Este é um dos principais motivos pelos quais o filósofo afirma que “[...] nenhuma moralidade é suficientemente forte para impedir o *entusiasta fanático*. O caráter sagrado da causa santifica toda e qualquer medida que se possa usar para promovê-la” (DRN 12.19, p. 138, grifos nossos). Como podemos observar, tratar do tema da religião é um dos seus objetivos, isto porque as questões que correspondem à religião tiveram grande importância para Hume, elas perpassam quase todas as suas obras, revelando o quanto elas o inquietaram. Não se trata apenas de ter escrito obras exclusivamente sobre a religião, mas de encontrarmos tais questionamentos até mesmo em obras que não parecem tratar sobre este tema. Notemos que, nas citações acima, Hume trata do fenômeno da superstição e do entusiasmo.

Este é o caso do *Tratado da Natureza Humana*, que apesar de ser dividido em três livros (Livro I - *Do Entendimento*, Livro II - *Das Paixões*, Livro III - *Da Moral*), que posteriormente foram publicadas como os ensaios: *Dos Milagres* e *Da Imortalidade da Alma*. Apesar desta situação, o filósofo não se deixou abalar e decidiu escrever obras que se referiam

ao tema da religião com exclusividade. Na obra *Diálogos sobre a Religião Natural*, na Parte XII, quase nas últimas páginas, reconhece que “[...] a verdadeira religião não tem consequências perniciosas; mas devemos tratar da religião como geralmente a encontramos no mundo” (DRN 12.21, p. 139). Nesta passagem Hume deixa claro qual sua maior pretensão ao escrever sobre o tema da religião, destaca que não se ocupará com outra coisa a não ser explicar com detalhes como a religião consegue conduzir os homens às práticas corruptivas e maléficas. Na obra *História Natural da Religião*, Hume trata das origens e das causas da religião e de seus efeitos sobre a vida e conduta humana e desenvolve uma investigação sobre os princípios “naturais” que originam a crença religiosa.

A investigação humeana foi demasiado arrojada para sua época pois examinou a crença religiosa como uma manifestação da natureza humana sem supor a existência de Deus. Segundo Hume, as religiões nasceram por meio das mais primitivas paixões e da ignorância sobre as causas futuras, pois os seres humanos, perturbados pelo que poderia acometê-los no futuro, inclinam-se para os mais diversas apelos a uma força superior que venha lhes prover segurança: “[...] as ideias da religião não nasceram de uma contemplação das obras da natureza, mas de uma preocupação em relação aos acontecimentos da vida, e da incessante esperança e medo que influenciam o espírito humano” (HNR 2.5, p. 31). Na obra *Diálogos* assim como na *História Natural da Religião*, Hume expõe as causas psicológicas e sociológicas das crenças religiosas de forma racional. Já em sua obra *Investigação sobre os Princípios da Moral*, ele expõe os conteúdos religiosos, descrevendo que, quando aplicados à moralidade, equivalem a tudo que é contrário aos princípios que colaboram para o convívio social.

A obra *Investigações sobre o Entendimento humano* também contém um ataque à existência dos milagres, texto que ataca a doutrina da revelação cristã. Esta parte das *Investigações* foi posteriormente publicada em forma de ensaio, cujo título é exatamente o assunto que foi criticado: *Dos Milagres*. Já na obra *História da Inglaterra*, encontra-se, da mesma forma, uma série de narrativas que descreve como a religião não contribui para a harmonia social. Nos *Ensaaios Morais, Políticos e Literários*, foi publicado um outro ensaio relativo à religião, cujo título é *Do Suicídio*, onde é defendido que o suicídio não é imoral, nem irreligioso; no *Da Imortalidade da Alma*, afirma haver boas razões para julgar que a alma é mortal. Ainda em sua obra *Ensaaios Morais, Políticos e Literários*, Hume escreve o ensaio “*Da Superstição e do Entusiasmo*” e descreve de forma geral o que causa as duas espécies do que ele chama de

falsa religião, que são a superstição e o entusiasmo, e como estas formas são capazes de produzir os piores efeitos na sociedade.

O fenômeno da falsa religião é de maneira clara o assunto desta pesquisa e parece ser realmente os piores males que são causados pela religião. A importância deste não está apenas no fato de Hume ter escrito um ensaio exclusivo para estes fenômenos, mas também pela ênfase em suas consequências prejudiciais ao convívio humano, tanto na vida privada quanto na pública e pela recorrência em muitas das suas obras relativa a tais fenômenos. Exemplo disso, podemos observar no final da obra *Diálogos* em que Hume afirma que:

[...] se a superstição e o entusiasmo não se opusessem diretamente à moralidade, mas o mero desvio da atenção, a instituição de uma nova e frívola espécie de mérito, a absurda distribuição que fazem de elogios e censuras, não podem deixar de ter as mais perniciosas consequências e de enfraquecer extremamente o apego das pessoas aos motivos naturais de justiça e humanidade (DRN 12.17, p. 137).

Hume explica que a superstição e o entusiasmo têm as mais perniciosas consequências para a natureza humana, são consideradas as responsáveis pelas maléficas ações. Entretanto, Hume achou que seria necessário explicar de forma mais detalhada o que são elas, e como essas duas formas corruptivas afetam a natureza humana, a ponto de afastar os indivíduos da justiça e humanidade. Em meio a nossa investigação demonstrou-se de grande importância investigar como os ensaios humeanos foram escritos, destacar suas principais características e ressaltar quais conceitos filosóficos Hume utilizou como fundamento para explicar o que ele chama de superstição e entusiasmo.

## **Conclusão**

Concluimos com nossa investigação que o iluminismo foi um dos movimentos mais importantes que ocorreu na modernidade, e que foi de grande importância para as revoluções filosóficas, destacamos em especial o iluminismo escocês no qual o filósofo naturalista Isaac Newton se destacou pelo seu método experimental, que tinha como aspectos centrais duas características: o empirismo e a experiência. Hume foi sem dúvida muito influenciado pelas grandes contribuições newtonianas e isto fica claro ao observarmos seu método filosófico que, assim como o de Newton, tinha por base o empirismo. É por meio dele que afirma como podemos obter um conhecimento seguro sobre todas as coisas, sejam elas coisas do mundo externo, seja dos próprios elementos cognitivos que existem no entendimento, a saber: paixões, razão, imaginação entre outros.

Compreendemos que segundo o método experimental humeano não podemos obter nenhum

tipo de conhecimento sobre as coisas caso não fossem por meio das percepções. Ao fazer tal afirmação de forma direta Hume estaria indo em um sentido completamente contrário aos dogmas religiosos, que eram utilizados como fundamento para muitas áreas do saber na modernidade. Hume é um dos filósofos mais importantes ao que se refere a críticas céticas e empíricas sobre os dogmas religiosos de sua época, e por este motivo destacou-se em meio aos filósofos modernos, além disso é notório como o tema da religião tanto o intrigou, pois em quase todas as suas obras o tema aparece de forma direta ou indireta, destacando sempre o quanto elas podem ser maléficas aos homens.

Tendo em vista os resultados de nossa pesquisa histórico-filosófica, é necessário sabermos as consequências de uma tal crítica empírica, mas aplicada à moralidade e sua relação íntima com a religiosidade. Para isso devemos investigar mais afundo, a partir do ensaio humeano, qual o sentido ético dos conceitos de *Superstição* e *Entusiasmo*.

### Referências bibliográficas

BROADIE, Alexander e Craig Smith, (2022). Scottish Philosophy in the 18th Century. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2022 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/sum2022/entries/scottish-18th/>

CARMICHAEL, Gershom. (1724). S[amuelis] Pufendorffii De Officio Hominis et Civis, Juxta Legem Naturalem, Libri Duo. *Supplementis et Observationibus in Academicæ Juventutis usum auxit et illustravit Gerschomus Carmichael*. Philosophiæ in Academia Glasguensi Professor, Edimburgo.

CARMICHAEL, Gershom. (2002). *Direitos Naturais no Limiar do Iluminismo Escocês: Os Escritos de Gershom Carmichael*, James Moore e Michael Silverthorne (eds.), Indianapolis, IN: Liberty Fund.

FLEW, Antony (1961). *Hume's Philosophy of Belief*. London: LONDON.

HUME, David (2009). *A arte de escrever ensaios e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Iluminuras. Tradução de Marcio Suzuki e Pedro Pimenta.

HUME, David (1896). *A Treatise of Human Nature*. Ed. Selby Bigge, Clarendon press.

HUME, David (2006). *Da imortalidade da alma e outros textos póstumos*. Rio Grande do Sul: editora Unijuí.

HUME, David (1993). *David Hume: Essays Selections*. United States: Oxford University Press Inc., New York.

- HUME, David (2005a). *Diálogos Sobre a Religião Natural*. Tradução, apresentada por Álvaro Nunes. – Portugal: Edições 70.
- HUME, David (1985-1987). *Essays Moral, Political and Literary*. New York: Library of Congress Cataloging in Publication.
- HUME, David (2005b). *História Natural da Religião*. Tradução, apresentada por Jaimir Conte. – São Paulo: editora UNESP.
- HUME, David (2017). *História da Inglaterra*. São Paulo: Editora UNESP.
- HUME, David (1989). *Investigação acerca do Entendimento Humano*. São Paulo: Nova Cultura.
- HUME, David (2009). *Tratado da Natureza Humana*. São Paulo: Editora UNESP.
- HUME, David (2013). *Uma Investigação sobre os Princípios da Moral*. Tradução: José Oscar de Almeida Marques. Campinas, SP: Editora da Uncamp.
- JANIAK, Andrew. (2021). Newton's Philosophy. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Edward N. Zalta (ed.).
- Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2021/entries/newton-filosofia/>>
- KEMP-Smith, Norman (1935). *David Hume: Dialogues concerning Natural Religion*. Oxford University Press.
- MARKIE, J. (1980). *Hume's Moral Theory*. London: Routledge.
- NORTON, Fate David (1993). *The Cambridge Companion to Hume*. New York: Cambridge University press.
- NEWTON, I (2008). *Principia: Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*. São Paulo: Edusp.
- NEWTON, I (1972). *Philosophiae naturalis Principia Mathematica*. Ed. por A. Koyré e I.B. Cohen, 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press.
- OLIVEIRA, Bruno (2012). A Metafísica de Isaac Newton. Natal, p. 131. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em filosofia: História e Crítica da Metafísica.
- PROCLUS (1970). *Commentaire sur la République*. Tradução de A. J. Festugière. Paris: Vrin.
- RIDGE, Michael (2003). Epistemology Moralized: David Hume's Practical Epistemology. *Hume Studies*. Número 29, Vol. 2, p. 165–204.
- TRAIGER, Saul (2006). *The Blackwell Guide to Hume's Treatise*. Australia: Blackwell Publishing.